

EDITORIAL

POLÍTICA CULTURAL PARA OS PAÍSES DA LUSOFONIA

Tem razão Affonso Romano Sant' Anna; que, além das atividades literárias e do magistério, dirige ainda a Fundação Biblioteca Nacional, quando escreve que aos povos de Língua Portuguesa falta uma política cultural, que seja capaz de valorizar e defender patrimônios comuns e, ao mesmo tempo, administrar e definir prioridades no campo da Cultura, do Conhecimento, das Artes, do Cinema, da Música, do Teatro e do Idioma. O escritor dá exemplos de alguns projetos de fácil execução – como é o caso de se editar uma revista voltada para as Literaturas dos países de expressão oficial portuguesa, a criação de bolsas de apoio às traduções e o incentivo aos centros de estudo existentes nas Embaixadas – que poderiam ser contemplados com verbas oficiais e que representariam, sem dúvida, impulsos positivos para dar uma densidade maior, em termos de intercâmbio e de cooperação, ao espaço da lusofonia.

Como se não bastasse a ausência de uma política cultural e a falta de recursos financeiros suficientes para atender a um mínimo de ações que seria conveniente desenvolver no Brasil, em Portugal, em Angola, em Moçambique, na Guiné, em Cabo Verde, em S. Tomé e nas diversas comunidades que, espalhadas pelo mundo, conservam traços e valores da lusitanidade, ainda por cima não aproveitamos em benefício próprio aquilo que fazemos em vários planos. E Affonso Romano Sant' Anna dá como exemplo o "Prêmio Camões", que vem sendo atribuído há 4 anos e que já distinguiu Miguel Torga, João Cabral de Mello Neto, José Craveirinha e Virgílio Ferreira. Pois bem: não basta os governos darem o dinheiro, os jurados reunirem-se para escolher o autor a ser laureado, sair a notícia nos rodapés dos jornais – e pronto. A acrescentar a essas fases é preciso – e o reparo é do escritor – que a entrega do "Camões" seja feita com pompa e circunstância, com a cobertura da imprensa e com a liturgia dos grandes eventos. Como acontece com a entrega do "Prêmio Cervantes", quando comparece o Rei da Espanha, o Senado das Universidades e as altas figuras do governo. Aí, todos tomam conhecimento da existência do galardão e da obra premiada. Conosco improvisa-se, ficamos na cozinha e perdemos a oportunidade não só de realçar além-fronteiras alguns dos nossos melhores escritores, mas também de mostrar a dimensão e a riqueza da Língua e das Culturas de que somos condôminos.

O "Prêmio Camões" é apenas um dos muitos exemplos que poderiam ser mencionados e em que fica claro que a despeito do investimento realizado, na qualidade das Literaturas envolvidas, de estarmos num espaço de quase 180 milhões de utentes do mesmo Idioma, não conseguimos a projeção e os resultados que seria

lógico obter. E não é apenas em termos de ressonância junto a outros países – como o "Cervantes", o "Molière", o "Goncourt", o "Pulitzer". Mesmo no âmbito interno, o certo seria que nos valêssemos da premiação de Torga, de Cabral Netto, de Craveirinha ou de Virgílio Ferreira para divulgarmos os seus livros, discutirmos a irrequietação estética de sua poesia, o timbre de sua prosa, as denúncias do "Chigubo", as angústias da "Vida e Morte Severina", o fundo autobiográfico dos "Diários", ou o alarme dos crepúsculos em "Rápida e Sombra". Mas nada disso acontece. Anuncia-se o resultado: Virgílio Ferreira ganhou, no dia seguinte a imprensa registra o fato e a entrega do prêmio faz-se discretamente nas Laranjeiras. Nas livrarias do Rio e de S. Paulo não aparecem as obras do autor da "Manhã Submersa", nem nas Faculdades de Letras se estimula a análise do seu talento ficcional.

Decerto que não é fácil mudar e o próprio tamanho do Brasil leva por vezes a falhas desconcertantes. Se temos aqui uma biblioteca com tudo o que se edita em Portugal – a do Real Gabinete Português de Leitura – em contrapartida onde um interessado pode encontrar um livro português em S. Paulo, em Porto Alegre, em Belém ou em Rio Branco? Ou se trazemos um escritor português ao Recife, como aproveitar a sua vinda para levá-lo a Belo Horizonte, a Campinas ou a Cuiabá? E não paramos mais. No entanto e malgrado todas as dificuldades; a pobreza dos recursos destinados à Cultura; as influências de outros países; os complexos de certa intelectualidade macunaímica – o certo é que devemos tomar consciência de que, juntos, formamos um "espaço" ou um "mundo" próprio – o da Língua Portuguesa – e é nesse "espaço" ou nesse "mundo" que nos sentimos melhor, sem perder a identidade, sem violentar as raízes, sem esconder o que somos.

A. Gomes da Costa